

IMANÊNCIAS DO MAR

GIOVANA DANTAS

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

RESUMO

Este artigo relata o processo de construção do trabalho *Imanências do Mar*, que é resultado da minha experiência no Programa de Residência Artística do Instituto Sacatar, localizado na Ilha de Itaparica, Bahia. Neste trabalho, faço um registro poético de situações recolhidas nos ambientes que dialogam com o mar, de diferentes maneiras, priorizando objetos e situações que rompem com a visão romântica, cantada em verso e prosa, sobre o mar da Bahia. Falo do cotidiano de pescadores e marisqueiras, de lugares, fragmentos materiais e da vida de seus “personagens”, dos desdobramentos da presença do mar na vida social, suas IMANÊNCIAS materiais e simbólicas na vida das pessoas que se avizinham da água, da lama do mangue, da areia e do sal.

Palavras-chave: arte, processo, mar

ABSTRACT

This article relates the construction process of *Imanências do Mar*, piece of work which is the result of my experience in the Artistic Residency Program at the Instituto Sacatar, whose estate is located in the Island of Itaparica, Bahia. In this work, I do a poetic register of collected situations at environments that interrelates with the sea, at different ways, prioritizing objects and situations that breaks with the romantic vision, sung in verse and prose, about the sea of Bahia. I speak of the fishermen routine and the women that collects shellfish for survival, the places, the material fragments and the life of these human beings, the implications of the presence of the sea in its social life, its materials and symbolic IMMANENCES into the life of the persons that lives near the water, the mud of the mangrove, the sand and the salt.

Keywords: art, process, sea

*Na infância
o mar salgava entre domingos.
Mar aberto, mar fechado, baía.
Espaço entre as ilhas, escalas,
primeira lição de tempo.*

Cecília Meireles

DOS MARES AOS MARIS

Sempre vivi na beira do mar, e isso foi o bastante para uma inquietação, que se inicia antes mesmo da consciência e da maturidade artística. Do mar aberto às praias calmas, protegidas, da areia ao mangue. Paisagens marinhas e seus transeuntes, seus moradores, seus sobreviventes, seus restos e suas extensões estavam sempre presentes.

Morei em dois bairros distintos de Salvador, ligados pela água do mar e separados por uma distância espaço-temporal de oposição. Nasci e vivi os primeiros anos da infância no Largo dos Mares, localizado numa parte mais antiga da cidade, frequentando as águas calmas da praia da Ribeira. Hoje, moro junto ao mar aberto, na praia de Stella Maris. Essas duas maneiras de estar de frente para o mar suscitaram em mim uma imagem de opostos. Sentir o mar em situações díspares pode ter feito deflagrar o início de uma reflexão acerca da sua natureza. Me afetava muito mais um sentimento de transtorno do que de calma e romantismo, constantemente cantado, em verso e prosa, nas canções que falam do mar da Bahia.

Todo um conjunto de formas materiais e imateriais se configurou nas minhas sensações e lembranças em torno do mar e de objetos cotidianos que se tornam impregnados da sua essência. Tornei-me uma colecionadora. Por um longo tempo acumulei imagens. Juntei coisas e vontade de refazer essas idéias, de construir, desagregar e reconstruir. Finalmente, realizei esta tarefa.



Coleções iniciais do processo

Parte deste trabalho foi realizada na Cidade de Salvador, nas praias de Itapuã e de Stella Maris, neste ambiente urbano e salgado, onde atualmente vivo. Outra parte, na Ilha de Itaparica, no Instituto Sacatar e nas vilas de Baiacu e da Misericórdia, que são pequenas comunidades de pesca. As duas fotografias que se seguem são da Praia de Itapuã, de onde retirei referências materiais, conceituais, através de registro fotográfico e de pequenas coleções de objetos vindos das praias. Este é o início do processo.

“É doce morrer no mar...”

(Dorival Caymmi)
"Será que é mesmo doce morrer no mar?!"
(Giovana)



Praia de Itapuã - Colônia de Pescadores e puxada de rede

Neste trabalho, faço um registro poético de situações recolhidas nos ambientes que dialogam com o mar, de diferentes maneiras, priorizando objetos e situações que rompem com sua visão romântica, para revelar uma realidade mais crua, rica e complexa. Falo do cotidiano de pescadores e marisqueiras, de lugares simples, dos restos da pesca e da vida de seus "personagens", dos desdobramentos da presença do mar no contexto social, suas IMANÊNCIAS materiais e simbólicas na vida das pessoas que se avizinham da água, da lama do mangue, da areia e do sal.

Foi diante dos versos de Sophia Mello Breyner Andresen que estas inquietações começaram a tomar corpo. Sophia fala do mar sem condescendências, de um mar que habita o seu íntimo, refletido nas suas mais instigantes imagens poéticas. No processo criativo, não busquei uma interpretação literal ou figurativa para os poemas desta escritora portuguesa. Mas compartilhei dessas imagens que iam surgindo no campo do sensível. Um mar de naufrágios (*Navio Naufragado*), da vida e da morte, como o de seus poemas, que imprimem a marca do conflito nos seus leitores. Assim como Sophia, outros autores foram se avizinando no decorrer dos entrelaçamentos das situações cotidianas, do imaginário, e a partir do contato material com fragmentos do mar, que eu ia retirando das colônias de pesca de Itapuã. Assim, ganhei o mais significativo dos presentes das mãos de um pescador – um rabo de peixe, seco, que enfeitava a casinha de pesca, perto de Stella Maris. Aquilo me acompanhou como um amuleto de sorte.

Imanência é permanência, persistência. É qualidade do que é imanente. Que existe sempre num dado objeto e que dele não se separa; é constante. Imanência é o corpo como pluralidade, afirmação, presença. Do latim, *in* e *manere*, que juntos significam “ficar, existir ou permanecer no interior”.

Na filosofia, a “imanência”, é discutida nos textos de Spinoza, Nietzsche e Deleuze. No entanto, a imagem da imanência que mais se aproximou das sensações que eu acumulava naquele momento, veio de um pequeno texto de Georges Didi-Huberman que chegou até mim. Neste trabalho, “A Imanência Estética”, ele nos oferece uma análise preciosa e inovadora dos desenhos de Victor Hugo, poeta, que também se dedica ao traço. Vejo na obra deste artista um desenho dramático, com acentuados contrastes de luz e sombra, espaços abertos e fechados, formas revoltas, inquietude, força. Didi-Huberman (2003) escreve: “A originalidade dos procedimentos gráficos de Hugo em seus desenhos aponta para uma estética da imanência”. E segue:

É sobretudo nos anos de 1860-1866 – período que começa com a retomada de *Os miseráveis* e se encerra com a publicação de *Os trabalhadores do mar* – que Victor Hugo multiplica os recursos ao vocabulário da imanência: eles vêm diretamente de Spinoza, evidentemente, que Hugo evoca aqui e ali, sem, entanto, ao que parece, o ter lido em detalhe.

Busquei os desenhos de Hugo. Não os conhecia. Li *Os trabalhadores do mar*. Encantei-me. Hugo vai muito além do que seria um autor inscrito na estética de um naturalismo tradicional. Em *Os trabalhadores do mar*, dedicará um capítulo inteiro às “perfeições do desastre”. A identificação não tardou. Eu também queria para mim, para o meu trabalho, um mar turbulento, tempestuoso, ainda que tranquilo. Em seus movimentos imensos de fluxo e de refluxo, em suas dimensões de superfície e de profundidade. Para Didi-Huberman (2003), “Assim move a imanência. O mundo faz ondas: tal é o seu próprio ritmo, sua respiração, sua vida”. Mais adiante, ainda afirma: “A imanência é exatamente como um fluido, mar ou atmosfera: nela tudo ondeia, tudo se move, tudo se interpenetra e se permuta, tudo mana e desmorona, tudo sempre ressurgem...”

*Imanência, pois: o fluxo generalizado,
a dobra de cada coisa em cada coisa,
a vida em toda parte,
a matéria porosa destinada às turbulências.*

*E, com isso, um efeito crítico sobre a representação,
um modo de dissolver os aspectos nos meios.*

(DIDI-HUBERMAN, 2003)



Giovana Dantas
Imanências do Mar
Museu de Arte Moderna da Bahia
Cardumes
(Rabos de peixe e nylon - Instalação 40 m²)
2008

A EXPERIÊNCIA DA RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

O Instituto Sacatar administra um programa de residência para artistas do mundo inteiro e em qualquer disciplina. Ele tem uma parceira, a Sacatar Foundation, uma entidade norte-americana sem fins lucrativos, que financia as atividades realizadas no Brasil. Na sua sede à beira-mar, na Ilha de Itaparica, na Bahia, o Instituto recebe uma diversidade de artistas, selecionados através de projetos. Morar por dois meses do verão de 2008 na Ilha, foi fundamental para a continuação e finalização do trabalho. O tempo ajudou e o sol quente colaborou para secagem dos 400 rabos de peixe que integraram a instalação *Cardumes*.

Uma experiência como esta traz a possibilidade da desaceleração do tempo, da observação e imersão no trabalho. No texto do catálogo da exposição, Solange Farkas, diretora do MAM-BA, traduz um pouco dessa sensação:

Funcionam como verdadeiras incubadoras de processos e expressões visuais, oferecendo oportunidades excepcionais para o artista pesquisar linguagens, ter tempo e recurso para desenvolver uma idéia, refletir sobre um lugar, aprender e dialogar com os artistas ao seu redor. Estes são processos fundamentais na vida contemporânea, que complementam as ações de museus ao redor do mundo. Nas residências se ensaiam trabalhos inovadores, que podem gerar outras possibilidades de circulação. A parceria do Museu de Arte Moderna da Bahia com o Instituto Sacatar se configura exatamente nesse sentido: através do Programa de Residência, proporcionar a criação de novos formatos, apresentando ao público o resultado de pesquisas em processo nos circuitos de arte contemporânea. (FARKAS, 2008)

A localização da sede, junto ao mar, foi um fator de extrema importância para o desenvolvimento e finalização do trabalho. A Sacatar também proporciona meios de aproximação e interação com a comunidade. Na residência temos total liberdade de ação. O que vale é a experimentação, não necessariamente, a produção de um trabalho completo, mas idéias e aberturas para possíveis desdobramentos. Pra mim, este processo foi tão intenso, que se refletiu na produção. Trabalhei com diversas linguagens e diferentes comunidades. Fui a Baiacu, uma pequena comunidade de pescadores da contra-costa da Ilha de Itaparica, onde permaneci por dez dias e lá, produzi o vídeo *Paieiro*.

No vocabulário local, “paieiro”, palavra que é uma corruptela de “palheiro”, trata-se de uma casinha de palha ou madeira que fica no porto, onde se guarda os materiais da pesca – remos, redes, lamparinas. Por isso também guarda a memória, os fazeres e os saberes que passam de pai para filho. O monitor do vídeo foi instalado dentro de um nicho, um espaço cavado na parede grossa do subsolo do casarão do MAM, tendo como primeiro plano um anteparo de madeira, vazado, sugerindo o formato do paieiro da Vila de Baiacu. A idéia era ver por entre os espaços vazios fragmentos dessa memória. A realização do vídeo contou com a colaboração generosa dos mestres de pesca de arrasto Naldinho, Bahia e Baum, e da antropóloga Gal Meirelles, que na madrugada, me levavam para o mar, na canoa.



Giovana Dantas
Imanências do Mar
Museu de Arte Moderna da Bahia
Conversações
(Cabeças de peixe - Instalação 4 m²)
2008

O CONCEITO DA EXPOGRAFIA

O Museu de Arte Moderna da Bahia funciona em um antigo conjunto arquitetônico do século XVII, o Solar do Unhão. O espaço reservado para a montagem de *Imanências* foi o subsolo do Casarão - um espaço intacto, quase no nível do mar com paredes gastas, piso de cimento e pedra e um conjunto exuberante de arcos. Toda a montagem foi pensada em função deste espaço, guardando suas memórias e sua geografia próprias. Cada trabalho foi locado a partir de sua relação com este espaço, do fluxo de deslocamento dos visitantes e da visibilidade da paisagem externa, interagindo com o interior. Uma concepção de espaço específico.

TRABALHOS

Breves considerações

TEMPO DO CORTE

Esta instalação é constituída por 16 peças, que são tábuas de cortar peixe, retiradas da Feira de Itapuã e Feira de São Joaquim, num sistema de troca com os vendedores. Nenhuma interferência foi realizada nos objetos. Deixo transparecer o processo de corte dos peixes que se sucedeu por anos, a marca dos golpes de facão na tábua. *Tempo do Corte* revela o fio do machado, a gestualidade impressa nos sulcos da madeira, as marcas deixadas pelas mãos rudes, pelo corpo em movimento dos vendedores de peixe.

A série *Tempo do Corte* é um desdobramento de uma vivência que venho realizando em feiras livres e cujo último trabalho, *Memória da Pele*, foi apresentado na Caixa Cultural de Brasília (junho/2006). Nele, utilizo o couro de porco, também retirado da feira, da Feira de São Joaquim, um imenso mercado ao ar livre de Salvador. São Joaquim agrega um imenso território de mercadorias de uma instigante carga simbólica e cultural, visivelmente impregnadas, nos seus becos entrelaçados e misteriosos, enfileirando uma variedade alucinante de coisas. Na feira as pessoas interagem, se aproximam fisicamente dos objetos e entre si, compondo uma tessitura íntima que envolve corpo, espaço e tempo, como numa instalação. Pelas vias estreitas da feira nossos corpos transitam com seus sentidos estimulados, para os quais esses objetos expõem sua materialidade.



Giovana Dantas
Imanências do Mar
Museu de Arte Moderna da Bahia
Tempo do Corte 1
(Tábuas de cortar peixe e ferro - Instalação 8.0 m²)
2008



No jogo labiríntico da feira, perder-se é o passo inicial para a experiência do visível – olhar e ser visto pelas coisas, permitindo que se realize uma construção temporal que vai de encontro à natural sensação de sua linearidade. “Esculpir o Tempo” é o termo utilizado pelo diretor de cinema Andrei Tarkovski, rompendo com a idéia de tempo linear da narrativa clássica. Esculpir o tempo na experiência do labirinto da feira, levou-me ao centro, a uma célula primitiva – as tábuas dos corredores de peixe escarificadas pelo gesto repetitivo do corte. Para Fayga Ostrower, a materialidade não é um fato meramente físico, mesmo nas situações em que existem de fato objetos materiais, palpáveis. A materialidade refere-se a tudo que está sendo formado e transformado. As materialidades no homem se colocam num plano simbólico. A própria matéria é entendida como realização de potencialidades latentes.

Cada materialidade abrange de início, certas *possibilidades de ação* e outras tantas *impossibilidades*. Se as vemos como *limitadoras* para o curso criador, devem ser reconhecidas também como orientadoras, pois dentro das delimitações, através delas, é que surgem sugestões para se prosseguir um trabalho e mesmo para se ampliá-lo em direções novas. (OSTROWER, 1987, 32, 34)

A matéria selecionada, por sua vez, passa a agir em função dessa tendência. Ao mesmo tempo, o conhecimento das leis que regem o comportamento dessa matéria atua nessa tendência, concretizada no projeto poético do artista, oferecendo possíveis adaptações diante das impossibilidades.

SÉRIE: EMBARCAÇÕES

A série *Embarcações* foi construída com a colaboração de Cleide Santos, uma tecelã da Vila da Misericórdia. Conheci Cleide por acaso. Vi seus tapetes, eu estava dentro da topic, e logo pensei em misturar as fotos com aquela tecelagem, desdobrando uma tradição das mulheres da ilha. Usei como base sacos de embalagem comprados na Feira de São Joaquim. Parti da fotografia, e finalizei como bordado.



Giovana Dantas
Imanências do Mar
Museu de Arte Moderna da Bahia
Série: *Embarcações*
(Fotografia e tecelagem Dimensões variadas)
2008

Durante o período da exposição, que aconteceu de 28 de março a 04 de maio de 2008, através do Setor Educativo do MAM, foram realizadas duas palestras: “Encontro com Artista” e, a mais importante, cuja mesa foi composta pelos pescadores Naldinho, Bahia e pela antropóloga Gal Meirelles. Os mestres da canoa, e artistas do mar, falaram sobre os segredos da pesca de arrasto em Baiacu.

Posteriormente, foi gerado um catálogo pelo Edital de Apoio da Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Imanências do Mar é um projeto vivo, que se desdobra a todo o momento. Quero continuar junto ao mar, voltar, rever as pessoas e brincar um pouco mais.



Giovana Dantas
Imanências do Mar
Museu de Arte Moderna da Bahia
***Cardumes* (detalhe)**
(Rabos de peixe e nylon - Instalação 40 m²)
2008

REFERÊNCIAS

- ANDRESEN, Sophia. **Arte Poética I, II e III**. Lisboa: Caminho, 1991.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- DELEUZE, Gilles. Espinosa. **Filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imanência estética**. In: Alea: Estudos Neolatinos. Vol.5, n. 1. Rio de Janeiro. Jan./Jul, 2003.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- DIEGUES, Antonio Carlos. **Ilhas e mares. Simbolismo e imaginário**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- LOPES, Cássia. **Um olhar na neblina: um encontro com Jorge Luis Borges**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- OITICICA, Hélio. **Aspiro ao grande labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- SALLES, Cecília de Almeida. **Redes da criação. Construção da obra de arte**. São Paulo: Horizonte, 2006.
- VICTOR HUGO. **Os trabalhadores do mar**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

CURRÍCULO RESUMIDO

Graduada em Artes Visuais, Doutora em Artes Cênicas-UFBA. Trabalha com materiais orgânicos como couro de porco, e outros retirados do mar. Participou do Progr. de Residência Artística no Instituto Sacatar (Ilha de Itaparica-BA). Exposições: *Imanências do Mar*-MAM-BA, 2008. *A Tempestade de Bárbara* - Foto Arte Brasília, 2007. *Memória da Pele*-Caixa Cultural-Brasília, 2006. *Escarificações*, Caixa Cultural-SP, 2005 e Solar do Barão-Curitiba-PR, 2002.

www.giovanadantas.com.br / giovanadantas@bol.com.br